

Sonhei
Que estava sonhando um sonho sonhado
O sonho de um sonho
Magnetizado
As mentes abertas
Sem bicos calados
Juventude alerta
Os seres alados
Sonho meu
Eu sonhava que sonhava
Sonhei
(Martinho da Vila)

Dedico esta escrita para compartilhar algumas experiências sobre as formas criativas que famílias da minha periferia encontraram para escrever suas histórias de vida. Aqui, não diferente de outras periferias, a necessidade do empreendedorismo por sobrevivência sempre condiciona sonhos e projetos de vida. Prepare-se, porque este texto vai ficar bem parecido com uma colcha de retalhos; afinal, o "suco de periferia" tem um pouco de tudo.

Sou, com muito orgulho, filha de um homem preto de 62 anos que, graças à fé que o sustenta, conseguiu sobreviver à força do álcool. Após encontrar motivação na fé e na família, ele se colocou de pé e, através de uma iniciativa social e, por conseguinte, acolheu mais de mil jovens que certamente guardam memórias afetivas com a história desse projeto.

O empreendedorismo que quero contar aqui talvez faça parte de uma modalidade que também é criativa, mas é, além de tudo, necessária para a sobrevivência e a subsistência das famílias periféricas. Minha escrita versa sobre a importância do empreendedorismo social nas periferias e, principalmente, para as mães e mulheres solas (casadas ou não) que precisam de uma rede de apoio.

Nossa família sempre foi apaixonada por futebol e sempre tivemos bola em casa. Meu pai chegava do trabalho no final da tarde e sua alegria era emprestar a bola para as crianças da comunidade brincarem nos campinhos de terra. As crianças de 2003, que hoje são adultas, não imaginam o quanto sustentaram meu pai para que ele se libertasse de vez do álcool.

Historicamente, a juventude sempre foi objeto de pesquisa da psicologia e da sociologia para o estudo de comportamentos. Mesmo com o advento das intervenções causadas pelas transformações sociais, o jovem permanece no centro direto das decisões, muitas vezes, no

cerne de disputas políticas, religiosas, das relações de trabalho e também das relações afetivas. Lélia Gonzalez classificava a juventude como o oxigênio dos movimentos sociais, mas também fazia o contraponto da juventude negra como o alvo principal da violência do Estado e da marginalização frente aos direitos sociais.

Partindo desse pensamento, quero descrever minha experiência como educadora dentro do sistema socioeducativo, no qual atuo há três anos. Trabalho na provocação paralela ao modelo de vida proposto a essa juventude via sistema, e também no esforço incansável de ressignificação da dignidade que a Educação pode se propor a ser: uma ferramenta de acesso da juventude aos seus anseios.

A juventude com a qual estou envolvida — e que ouvimos muitos dizerem estar desprovida de sonhos — contrapõe esse argumento trazendo elementos que fazem sentido às suas realidades. Ao propor a educação neste espaço, deparo-me, primeiramente, com o analfabetismo funcional e com um repertório de mundo limitado e fictício.

A frase que mais ouço das novas turmas ao entrar pela porta é: “Moiô, olha a senhora do projeto”. Esse momento é atravessado por muitos sentimentos: às vezes de impotência, às vezes de derrota, mas também de enxergar a oportunidade de uma segunda chance, já que, apesar de estarem privados de liberdade, eles estão vivos. Estar nesse espaço e não ver a juventude preta gera uma confusão interna: que bom que eles não estão aqui, ou será que não estão aqui porque estão sendo assassinados?

Nestes parágrafos, escrevo sobre uma parte dos jovens que está alimentada pela perspectiva de que o *ter* sobrepõe o *ser*, e de que os valores propostos pelo sistema capitalista são a única alternativa de elevar-se socialmente e ganhar destaque frente aos holofotes desejados da influência das redes sociais. Essa juventude compartilha igualmente dos mesmos sonhos e projetos de outros jovens que não estão com suas liberdades cerceadas. Aqui, faço um paralelo com as contradições protagonizadas pelo ser social composto das diversas formas de preconceito — o brasileiro comum, que classifica o jovem entre “bom” e “ruim”.

Por muitas vezes me interpelam e questionam a minha “escolha” de ser educadora dentro do sistema socioeducativo, tentando provocar um pensamento de penalização dessa juventude considerada perdida. Em grande maioria, essas provocações vêm de grupos que se posicionam como famílias de boa índole e de bons corações, mas que, apesar de seus ensinamentos muitas vezes religiosos e moralistas, resumem facilmente em um comentário quem tem direito à vida ou à morte. Já ouvi comentários tais como: “Se jogarmos veneno na caixa-d’água desse local, resolvemos os problemas, pois os futuros bandidos já estarão mortos”. Sem espanto, uma pequena visita ao perfil do sujeito preocupadíssimo com o bem social revela um exemplar pai de família, que frequenta sua casa religiosa fidedignamente aos finais de semana.

Toda essa introdução se faz necessária para compreender, primeiramente, um Estado e uma sociedade que não acolhem e excluem, mas que depois julgam, crucificam e matam, principalmente, os jovens pretos. O jovem socioeducando está empreendendo a partir do repertório que possui, e por aqui começo a contar minha experiência como moradora da maior periferia da minha cidade, São Carlos, e com a maior concentração de juventude negra do município.

O ECA diz que a responsabilidade de garantir os direitos da criança e do adolescente é, primeiramente, do Estado e da sociedade; depois, classifica as famílias. Isso não se faz meramente como um contexto organizativo gramatical, mas na corresponsabilização social e administrativa daqueles que deveriam ser os principais garantidores de direitos, através da oferta de políticas públicas suficientes para a resolução das mazelas sociais. Sendo o Estado o principal corresponsável no acesso a direitos, a juventude está e sempre esteve no processo de construção de suas escolhas, atrelada ao despertar da rebeldia, das descobertas da vida adulta e da tentativa de ser compreendida.

A juventude da periferia começa a empreender ainda quando criança, precisando, por sobrevivência, aprender a cuidar de irmãos mais novos para subsistir. Depois, tem que escolher entre pagar R\$ 5,00 no quilo da banana ou comprar um pacote de biscoito que custa R\$ 1,99, com 9 unidades, para dividir entre três crianças. A partir daí, muitas das comunidades que empreendem coletivamente cuidam uns dos filhos dos outros e, ao mesmo tempo, não cuidam do filho de ninguém — e é aí que a porta da violência e do abandono começa a ser escancarada. E cadê o Estado? Não tem vaga na escola em tempo integral, nem no projeto social de contraturno; então, é um "salve-se quem puder".

Ainda assim, preciso falar daqueles que escapam da mão da violação do Estado para o lado do bem. Nas quebradas, um sonho que floresce fácil no coração da juventude é o de ser barbeiro, em sua maioria para os meninos, e o de ser maquiadora, para as meninas. Não estou dizendo que existe profissão de acordo com o gênero; trata-se apenas de uma constatação de quem vive na quebrada.

Ah, lembrei agora do sonho do próprio negócio que começa com a proposta de ter uma adega e, para muitos, termina na calçada de uma biqueira. Isso acontece porque, novamente, muitos sequer foram estimulados a sonhar. Mesmo assim, a sociedade quer exigir do adolescente que não teve pré-natal, que nasceu com sífilis congênita e que aprendeu a escrever na 6ª série, a escolha de fazer medicina.

Vou mudar para outra vertente da verdade da minha escrivência, para falar de meninos que vi nascer e crescer, e que fizeram parte de uma série de podcast denominada *Negócio de Quebrada*. Meu município tem 265 mil pessoas, e o grande Cidade Araci, a minha quebrada conta com 80 mil habitantes, segundo dados do Censo de 2010. Isso significa que quase um terço da cidade pertence ao meu bairro e, por ser uma quebrada, certamente é daqui que sai a grande massa trabalhadora que alimenta os grandes centros e polos comerciais e industriais para gerar riqueza. Por muito tempo, as pessoas que moram aqui não conseguiam trabalho se colocassem o bairro de moradia no currículo; o preconceito nos perseguia diariamente e éramos dispensados em muitas entrevistas.

Com o crescimento populacional da quebrada, em razão dos terrenos e aluguéis de baixo custo, fomos ganhando força e organização administrativa. Assim, começaram a nascer, lá em 1998, os primeiros comércios locais; antes disso, era preciso andar muito para comer um lanche ou uma pizza, pois a maioria dos comércios não fazia entregas aqui.

A juventude de quem começo a falar aqui é uma juventude ousada, cheia de sonhos, vinda de famílias trabalhadoras que começaram a pensar na ascensão social e financeira e resolveram

abrir negócios para atender o público dessas quebradas. A localização geográfica daqui também não nos favorecia. Hoje, quase todo mundo tem carro ou um transporte público com um mínimo de qualidade, mas, há trinta anos, era tudo muito difícil, já que somos separados da região central por duas avenidas consideradas quase serras.

Escolher atender o público da quebrada exigiu muito sacrifício, porque o cálculo do lucro não gira da mesma forma que no comércio localizado na região central. Por isso, a lógica da barbearia e da cozinha em que os jovens resolveram empreender precisou de muita resiliência para subsistir.

A barbearia foi um negócio que se organizou com maior fluidez. Os "cria" não ficam sem dar aquele "tapa no visual" na quebrada; então, com uma caracterização própria e identidade de periferia, logo conquistou o gosto e a cabeça das pessoas, ao ponto de ser necessário começar a atender com horário marcado. Logo serviu de inspiração para que mais jovens comesçassem a produzir seu próprio recurso através de um ramo de mercado que permitia liberdade, resenha boa e um clima sem igual... o puro suco de periferia.

A cozinha precisou de mais esforço para significar para a periferia que ela era digna de se alimentar com qualidade e, principalmente, com algo inovador: a famosa "massa show". Foi uma explosão de novidade ter um negócio inovador para a quebrada, produzido e gerenciado por um "cria", um menino preto cheio de sonhos. A tarefa mais árdua era dignificar, para as famílias de classe trabalhadora, a perspectiva de um produto de qualidade com um valor de mercado um pouco maior do que o de uma quentinha convencional, mostrando que a qualidade e a experiência valeriam cada centavo. Esse negócio tinha algo ainda mais especial: era preparado e levava o nome da mãe do menino, uma daquelas mulheres fortes e admiráveis cujas histórias conhecemos todos os dias.

O "massa show" pegou. E pegou tanto que, além da quebrada, o restante da cidade conheceu a qualidade do produto e começou a consumir. O crescimento desse negócio de quebrada foi tão fantástico que o jovem preto abriu uma loja na região central e outra no shopping. Mano, que felicidade a plenitude desse momento!

A história do empreendedorismo social que nasce no seio da minha família, tem escrito o nome de todos esses jovens que fazem parte do sonho de uma sociedade plural e equânime.

Por fim, minha reflexão é que, em comunidades sujeitas a todas as formas de violações e compostas por raras oportunidades, estamos aqui não para representar o cidadão comum, mas para exercer o pensamento crítico de se incomodar com o que não caminha bem e, principalmente, para refletir de qual forma de empreendedorismo de vida nós queremos fazer parte.